

Invisíveis, mesmo quando vencedoras: as razões pelas quais o esporte não reconhece as mulheres atletas tal qual ocorre com os homens¹

Marta Regina Garcia CAFEO²

Noemi Correa BUENO³

José Carlos MARQUES⁴

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Unesp, Bauru, SP

Resumo

O artigo tem como proposta discutir as relações sociais de gênero no esporte, as representações das atletas pela mídia e a invisibilidade da mulher esportista. A discussão é gerada pela análise do filme publicitário “*Invisible Players*”, utilizado para o lançamento da plataforma ESPN W em março de 2016 e que visava fomentar o esporte feminino brasileiro. A cobertura esportiva da mídia, ainda hoje, privilegia os homens atletas em detrimento das conquistas das atletas mulheres, contribuindo para que a mulher ocupe um lugar de coadjuvante no cenário esportivo e favorecendo uma manutenção da hegemonia masculina nesse campo.

Palavras-chave: Mulher; Esporte; Mídia; Invisibilidade; Comunicação.

Introdução

O esporte é um fenômeno cultural de grande importância no contexto social da atualidade, e através dele é possível compreender processos de mudanças e transformações que ocorreram na sociedade e identificar paradigmas culturais (DA MATTA, 2001). Homens e mulheres ainda hoje não possuem o mesmo espaço na sociedade, assim como as mulheres esportistas não possuem grandes espaços na mídia, não são reconhecidas pelas suas vitórias, desempenho e superação (GOELLNER, 2012).

É importante ressaltar que, ao longo dos séculos, as mulheres tiveram várias conquistas na busca de direitos de participação e dos espaços públicos, através de transgressões e lutas. Uma dessas conquistas foi o direito de participação em diversas modalidades esportivas,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esportes do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Campus Bauru – SP. Docente da Faculdade Anhanguera de Bauru. E-mail: martacafeo@gmail.com.

³ Doutoranda do programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Campus Bauru – SP. Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: tutoraead.noemibueno@gmail.com.

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Bauru – SP. E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br

mesmo aquelas consideradas como *habitus* masculino. Porém nessa perspectiva, mesmo com a crescente participação das mulheres no contexto esportivo, muitas atletas ainda são invisíveis para sociedade (GOELLNER, 2005).

Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental na construção de mitos esportivos e no fomento de práticas culturais, pois contribui para criar, reforçar e destruir estereótipos e representações sociais sobre atletas e suas realizações (ROMERO, 2004). A cobertura esportiva da mídia, de forma geral privilegia os homens atletas em detrimento das mulheres, contribuindo para que a mulher atleta ocupe um lugar de coadjuvante no cenário esportivo. Neste cenário é possível identificar as questões relacionadas aos gêneros e a violência simbólica de Pierre Bourdieu, vivenciada pelas mulheres esportistas, já que não possuem as mesmas oportunidades que os homens, pois faltam incentivos para as atletas e interesse da mídia esportiva.

Desta forma, este artigo discute as relações sociais de gênero no esporte, as representações midiáticas e a invisibilidade das mulheres atletas. A discussão é gerada pela análise do filme publicitário “*Invisible Players*”, utilizado para o lançamento em março de 2016 da plataforma ESPN W, vinculada aos canais de TV a cabo ESPN e com o objetivo de fomentar o esporte feminino brasileiro. Parte-se do pressuposto que a invisibilidade das atletas está relacionada com a corporificação da cultura patriarcal, com reforço da sub-representação midiática da mulher disseminada pelos veículos de comunicação na cobertura esportiva. Apesar do jogo e o esporte serem institucionalizados na cultura contemporânea como espaços de participação para homens e mulheres, ainda há a manutenção da hegemonia masculina nesse campo.

O artigo está baseado em referencial teórico de estudos de Silvana Goellner, pesquisadora do tema mulheres nos esportes; Ludmilla Mourão pesquisadora de gênero no esporte brasileiro; Elaine Romero pesquisadora de gênero relacionado à corporeidade e do sociólogo francês Pierre Bourdieu. A análise do filme foi realizada utilizando o roteiro metodológico exposto por Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, no livro Ensaio sobre a análise fílmica.

As mulheres e os esportes

Durante séculos, as diferenças sociais de cada um dos sexos foram naturalizadas e legitimadas por um determinismo biológico que reforçou (e em muitos casos ainda legitima) relações de dominação e a diferença dos espaços destinados aos homens e mulheres, inclusive

no esporte⁵. Neste campo, as diferenças biológicas tiveram destaque já que características como força, vigor, potência, velocidade, capacidade de autocontrole e agressividade foram reconhecidas como importantes para o desempenho do atleta e eram utilizadas para justificar a diferença de possibilidade de atuação de homens e mulheres (DEVIDE, 2005, p. 28)

Aliás, como afirma Pierre Bourdieu, ser homem é possuir e transmitir uma virilidade, que deve ser mantida e demonstrada em todas as esferas, por isso, é comum “o investimento em todos os jogos de violência masculinos, tais como em nossa sociedade o esporte, e mais especialmente os que são mais adequados a produzir os signos visíveis da masculinidade e para manifestar, bem como testar, as qualidades ditas viris” (BOURDIEU, 2002, p. 62). Além disso, para o sociólogo, a dominação masculina se mantém, o esporte (sendo uma instituição de alto crédito social), além de salientar a virilidade masculina, em sua construção da história ocidental destinou à mulher práticas que reforçassem características femininas, “[...] submetendo-se às normas que definem o que deve ser o corpo, não só na sua configuração perceptível, mas também na sua atitude, na sua apresentação, etc.” (BOURDIEU, 1983, p.201). Assim, de acordo com Bourdieu, o esporte é uma ferramenta utilizada por homens para validar sua virilidade e atestar a permanência na participação de um grupo de “verdadeiros homens”, neste sentido, as mulheres estiveram à parte deste segmento durante séculos, sendo que no Brasil, este cenário não foi diferente.

Conforme afirma Silvana Goellner (2004, p. 366), foi no começo do século XX que houve uma maior inserção da mulher no esporte, ou melhor, em algumas modalidades esportivas. Com a difusão do discurso de que as mulheres precisavam ser saudáveis para gerar filhos, foram recomendadas e acatadas determinadas atividades físicas, como a dança, ginástica e natação, em detrimento de outras que foram desaconselhadas, ou até mesmo proibidas, como futebol, lutas e decatlo, por exemplo, com a argumentação de que as mulheres se tornariam masculinizadas ou teriam prejuízos em sua saúde reprodutiva.

A proibição de algumas atividades era reforçada pelo discurso médico que reafirmava a diferença de desempenho entre pessoas de sexos diferentes e ainda salientava que a prática esportiva era prejudicial para a mulher, causando problemas menstruais e no parto, lesões

⁵ Foi contrapondo que os valores e comportamentos femininos eram biológicos que Simone de Beauvoir argumentou: “não se nasce mulher, torna-se mulher”, ressaltando que as diferenças de espaços e oportunidades entre os sexos era cultural.

nos órgãos reprodutivos e seios, fraturas na estrutura óssea (mais comuns do que as ocorridas em homens) e comprometendo sua feminilidade (CORBET, 1997 apud DEVIDE, 2005, p. 55). Desta forma, aspectos como amamentação, menstruação e maternidade foram usados para justificar e reforçar as barreiras impostas às mulheres adentrarem no meio esportivo.

Estes ideais permearam várias esferas e influenciaram inclusive decisões legais a respeito da participação feminina nos esportes. Neste sentido, até o final de 1970 no Brasil, havia discursos que apontavam a não aceitação de mulheres em determinadas modalidades, alegando que este espaço deveria ser masculino, pois as atividades eram maléficas para o corpo da mulher. Como exemplo citamos a publicação da Subdivisão de Medicina Especializada (pertencente à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde do governo de Getúlio Vargas) de 1940, que declarava que a prática do futebol causava prejuízos às mulheres, justificando a criação do art. 5 do Decreto-lei 3199 de 1941, que apontava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Tal decreto foi reforçado pelo Conselho Nacional do Desporto com a deliberação nº 07 de 1965 que proibia às mulheres “a prática de lutas de qualquer natureza, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, *rugby*, halterofilismo e beisebol”.

Apenas no final dos anos de 1970 o decreto foi revogado. Neste sentido, a proibição da participação feminina em esportes de alta competição durou em torno de 40 anos, ou seja, durante quatro décadas coube à mulher o papel apenas de espectadora não podendo praticar efetivamente futebol e outros esportes considerados masculinos.

Além desse fator, Théberge (1994 apud DEVIDE, 2005, p. 49) aponta que a participação majoritária masculina no esporte é reforçada por três instâncias: baixa participação das mulheres como profissionais do esporte (ou seja, como atletas e, principalmente, em cargos de liderança como treinadoras, por exemplo), como líderes em federações, clubes e comitês, e, nas baixas e/ou deturpadas participações das mulheres nos conteúdos esportivos veiculados pelos meios de comunicação. Esta exclusão é parte de uma marginalização da participação feminina em outras esferas e, ao mesmo tempo, acaba por reforçá-la, já que este cenário influencia na forma como as mulheres se autodefinem – neste caso, a partir da caracterização destas como frágeis, passivas e incompetentes para as atividades físicas.

Sport not only as a gender producing, gender affirming system but as a difference and power producing system. For sport works to differentiate winners from losers, the men from the boys, the men from the women. As a significant gendering activity, sport not only reproduces gender and sex differences but it produces a logic of differentiation (BIRREL, COLE, 1990, p. 18).

O esporte não apenas atua como produtor das características de cada gênero ou como um sistema de afirmação destas, mas também reforça o poder do sistema de produção destas diferenças. O esporte trabalha em diferenciar vencedores de perdedores, homens de meninos, homens de mulher. Como uma atividade envolvida com o gênero, o esporte não apenas reproduz as diferenças entre os sexos, mas também produz a lógica da diferenciação (Tradução livre dos autores).

Ludmila Mourão (2000) aponta ainda que a inserção da mulher no esporte brasileiro foi lenta e progressiva, sem o uso do discurso de contestação utilizado pelas mulheres ao se inserirem em outras esferas. Devido a isso, a mulher no esporte ainda encontra-se escondida ou assumindo e incorporando valores masculinizados, ou seja, neste segmento, a mulher não lutou pela adaptação do esporte às características femininas, mas buscou se adaptar ao contexto masculinizado, o que alimenta sua invisibilidade enquanto atleta, por isso, mesmo havendo progressos em relação à inserção desta no esporte, ainda há muito a ser conquistado. Assim,

enquanto no século XIX a participação das mulheres em eventos esportivos restringia-se basicamente à assistência e ao acompanhamento de seus maridos, com pouca participação ativa nas provas, ela é hoje muito mais ampla e diversificada. Todavia, isso não significa que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades no campo esportivo ou que preconceitos quanto à participação feminina inexistam (GOELLNER, 2004, p. 371-371)

Ainda segundo a autora são necessárias a elaboração e a implementação de políticas que incentivem e promovam a participação feminina nesta esfera. Além disso, salientamos também a necessidade de veiculações midiáticas mais representativas, adequadas e que valorizem a mulher enquanto atleta e seu desempenho, abordado na próxima seção.

As mulheres esportivas na Mídia

Na contemporaneidade a sub-representação midiática da mulher no esporte ainda consiste em uma realidade e contribui para a manutenção da hegemonia masculina neste campo. Essa sub-representação pode aparecer em duas principais maneiras: baixa cobertura quantitativa do esporte feminino pelos veículos de comunicação ou desvio do foco da performance

para o corpo, as emoções ou a vida pessoal da atleta. Como exemplo, pode-se citar a reportagem a respeito da vitória da tenista Maria Sharapova em 2013, quando o jornal *Folha de S. Paulo* ressaltou o corpo da atleta a partir do quadro que dizia: “*QUASE PERFEITA, Maria Sharapova supera a chuva, mas não a celulite, e arrasa rival em Roland Garros*”. Na notícia o discurso da performance é substituído pela necessidade de um corpo adequado aos padrões estéticos midiáticos, reduzindo à vitória da esportista a uma derrota enquanto mulher.

Em pesquisa a respeito dos adjetivos utilizados para caracterizar atletas, Romero (1990) apontou que há diferenças entre os termos considerados apropriados para descrever homens e mulheres. No caso, para o primeiro destacaram-se: esportivo, ativo, agressivo, forte fisicamente, autoritário e independente, enquanto para as mulheres os termos mais citados foram: meiga, atraente, vaidosa, elegante e responsável. Além das diferenças de expressões para caracterizar atletas femininos e masculinos, é comum, ao retratar uma atleta, explorar-se os trajes utilizados e posições sexualmente sugestivos (reduzindo-as a objetos de desejo masculino) e/ou momentos de emoção (principalmente momentos de choro) destacando sua fragilidade. Assim, a cobertura esportiva, além de excluir as mulheres, ainda pode construir e neutralizar as relações androcêntricas, já que prioriza a beleza estética e emoções ao invés das habilidades e conquistas atléticas.

Outra maneira de marginalização ocorre ao comparar-se o esporte feminino com o masculino, apontando desempenhos e resultados de atletas homens de maneira a exaltar a performance destes. Neste caso, mesmo se a reportagem é a respeito do esporte na modalidade feminina, destaca-se o da modalidade masculina. Em maio de 2016, um evento destacou-se por este embate: a entrevista da velocista Rosângela Santos ao jornalista Vinicius Nicoletti da TV Bandeirantes, conforme vídeo⁶ com trecho da entrevista abaixo:

Vinicius Nicoletti (repórter): O Brasil esse ano não terá um finalista no 100 metros masculino ...

Rosângela Santos (atleta): Essa pergunta é irrelevante, eu não faço parte dos 100 metros masculino.

Vinicius Nicoletti: Quer que eu pergunte o quê?

Rosângela Santos: A pergunta que você pode fazer é: o que eu achei da prova, como eu me senti na prova... Isso são coisas de mim e não dos outros (NOTÍCIAS NEWS, 2016).

⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uNck9Lekv2M> > Acesso em: 18 de junho de 2016.

Nesta entrevista é clara a valorização do esporte na modalidade masculina em detrimento da feminina, pois além de dar destaque a essa modalidade, ao ser questionado sobre a pertinência de sua pergunta o repórter revida com outro questionamento: “Quer que eu pergunte o quê”, usando um tom de voz que exprime perplexidade e impossibilidade de outra pergunta que não abrangesse o universo masculino.

De acordo com Duncan (1994 apud DEVIDE, 2005, p. 68), a mídia televisionada sub-representa o esporte feminino em suas transmissões e trivializa as experiências das atletas por meio do uso de linguagens androcêntricas. Fabiano Devidé (2005, p.70) analisa o cenário no Brasil, apontando que são minorias as notícias a respeito do esporte feminino, e que ainda não há consciência da rentabilidade deste mercado, pois não há o reconhecimento de que estas notícias também possuem espectadores. O autor aponta que:

As imagens culturais de mulheres que se envolvem com atividades físicas e esportes são comumente inferiores em quantidade e qualidade, além da cobertura, por vezes, denegrir e trivializar a experiência esportiva das mulheres. As imagens projetadas oferecem mensagens ideológicas, celebrando, por exemplo, o esporte masculino deixando as provas femininas frequentemente ao fundo e tecendo comentários sobre as experiências das mulheres como menos importantes (DEVIDE, 2005, p. 71).

Vale ressaltar que o esporte tem importante papel na socialização, e, portanto, seu exercício e midiaticização deveriam se desvincular de estereótipos sexistas que delimitam espaços femininos e masculinos.

De acordo com o relatório do estudo “Mulheres e Esportes”, do Ibope Repucom (2015), realizado em 24 países das Américas, da Europa e da Ásia, apesar de os homens serem os principais entusiastas dos esportes, o interesse das mulheres vem crescendo. O estudo aponta que 43% das mulheres participantes disseram ter interesse pelos esportes, contra 69% de homens. O levantamento destaca ainda que, entre as mulheres mais jovens, 48% das entrevistas com menos de 50 anos disseram ter muito interesse ou interesse pelo assunto; já entre as mulheres com mais idade esse percentual caía para 36% das participantes.

Portanto a mídia esportiva deve atentar-se ao crescente interesse das mulheres pelo esporte e também ao empoderamento feminino, que cada vez exige equidade de gênero, de modo democrático e responsável, nos mais variados tipos de atividades. É necessário que profissionais do esporte e da mídia assumam uma postura cooperativa e construtivista para ambos

os sexos, diminuindo as barreiras para a participação das mulheres de tal forma que estas possam conquistar autonomia e respeito neste segmento. Com essa proposta o Portal ESPN W, objeto de nossa análise neste artigo, é apresentado na próxima seção.

Portal ESPN W

No dia 08 março de 2016 a ESPN canal de televisão por assinatura, dedicado à transmissão e produção de programas esportivos 24 horas por dia, lançou no Brasil o Portal ESPN W, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. É importante destacar que o ano de 2015 foi marcado como ano do “empoderamento das mulheres”⁷ e pelo maior alcance de divulgação dos movimentos feministas, trazendo visibilidade para os assuntos que afetam as mulheres e, conseqüentemente, pela maior cobertura desses fatos pelos meios de comunicação, tendo como grande destaque as mídias interativas.

A ESPN no Brasil já transmite em seus três canais diversas modalidades esportivas femininas, como: handebol, tênis, surfe, vôlei, basquete, judô, *crossfit*. Além disso, também é uma das emissoras licenciadas para a transmissão dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Para German Hartenstein, diretor geral da ESPN no Brasil, o lançamento do portal ESPN W visa atender um perfil crescente de fãs do esporte no mercado brasileiro. O objetivo da plataforma é fomentar o esporte feminino brasileiro e atender o interesse das mulheres pelo esporte, reunindo matérias, artigos e conteúdo multimídia sobre o universo esportivo de maneira geral, não se restringindo somente às competições e atletas de alto rendimento.

A audiência de nossos canais possui um número crescente de mulheres que se interessa por esporte e busca conteúdo de qualidade sobre todos os temas relacionados ao universo esportivo, independentemente da modalidade. O ESPN W chega para atender este público, oferecendo conteúdo relevante produzido sob a ótica feminina com a credibilidade da marca ESPN (PORTAL DA PROPAGANDA, 2016).

A plataforma ESPN W (Figura1) está dividida em quatro áreas: notícias, *lifestyle*, especiais e blogs, e conta com um time de mulheres relacionadas ao mundo esportivo nas mais diferentes áreas como medicina, fisioterapia, nutrição, preparação física e psicologia, além de profissionais liberais, autônomas e mães que comentam a respeito de sua relação com o esporte em meio aos variados compromissos do cotidiano.

⁷ O ano do Feminismo na Internet. Disponível em: <<http://thinkolga.com/tag/feminismo/>>. Acesso em 04 Jan. 2016.

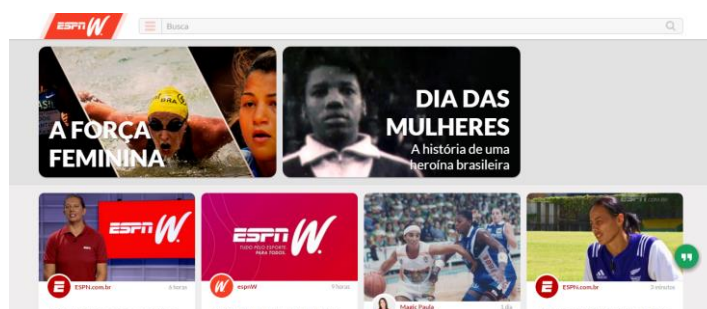


Figura 1. Portal ESPN W
 Fonte: <http://espnw.espn.uol.com.br/>

Para Sara Buchwitz, *head* de marketing e uma das idealizadoras do projeto, o conceito surgiu da plataforma lançada nos Estados Unidos em 2010. No Brasil o site é pioneiro, terá conteúdo diferenciado e mostrará todas as modalidades protagonizadas por homens e mulheres, porém com uma ótica feminina, objetivando fomentar o esporte feminino e o interesse das mulheres por competições:

O conteúdo aqui será abordado de forma diferente, porque a mulher brasileira se relaciona com o esporte de forma distinta da norte-americana. No Brasil, a relação entre mulheres e esportes é mais olímpica. Elas associam o esporte a outros itens como cultura, *lifestyle* e equilíbrio, como uma ferramenta (PORTAL COMUNIQUE-SE, 2016).

Visando atender essa forma de relacionamento da mulher brasileira com o esporte, o Portal conta com a equipe de comentaristas e de jornalismo dos canais ESPN e com ex-atletas Olímpicas, como Magic Paula (basquete), Ana Moser (vôlei), Flavia Delaroli (natação), Juliana Cabral (futebol) e Daniele Zangrando (judô). Para lançamento da plataforma, a Agência de Publicidade África elaborou uma campanha e um vídeo institucional viral denominado “*Invisible Players*”, em que apresenta pessoas apaixonadas por esportes, testando seus conhecimentos sobre diversas modalidades esportivas, como forma de homenagear as mulheres.

Análise do Filme *Invisible Players*

O lançamento do vídeo institucional *Invisible Players* teve como objetivo divulgar o lançamento do Portal ESPN W. No Youtube teve 1.260.870 visualizações [29 jun. 2016] e foi veiculado nas mídias sociais e interativas com *hashtags* #opoderdamulher, e recebeu diversos

comentários favoráveis e de apoio à iniciativa da ESPN na valorização das mulheres esportistas, mas também alguns negativos.

Para análise foi utilizada a metodologia de Francis Vanoye (1994), que propõe que para analisar um vídeo, é importante desmontá-lo em fragmentos e reconstruí-los, para compreender os sentidos da narrativa, inserida numa visão sócio histórica do enredo e do tema. Portanto para análise foi realizada a *découpage* do vídeo. A seguir, serão apresentados os elementos de maior destaque. Ainda para Vanoye (1994, p. 12) “a descrição e análise procedem de um processo de compreensão, de (re)constituição de outro objeto, o filme acabado passando pelo crivo da análise, da interpretação”. Na análise, o analista sempre introduz no texto o seu mundo e associa o sentido de realidade de acordo com o que compreende e interpreta baseado nos seus valores e crenças.

No início o filme “*Invisible Players*”⁸, apresenta em caracteres a pergunta “O quanto você sabe sobre esporte?”, ao fundo uma penumbra. Na sequência uma imagem de homens e mulheres caminhando, e caracteres “Convidamos fãs do esporte para testar seus conhecimentos” (Figura 2). As pessoas entram em uma quadra poliesportiva e sentam na arquibancada.

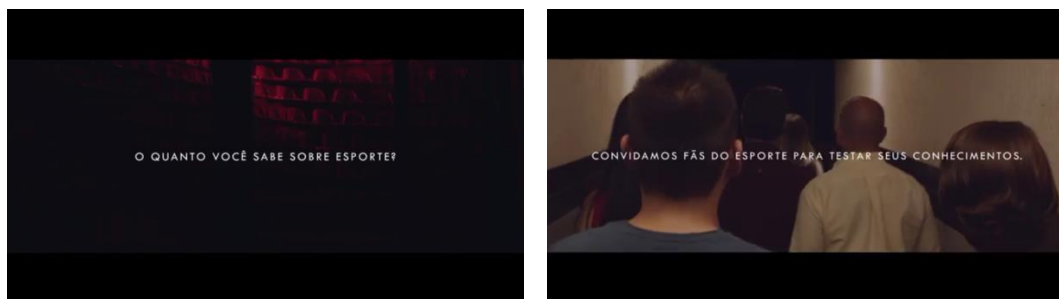


Figura 2. O Quanto você sabe sobre o esporte ?
 Fonte: ESPN, 2016

Na sequência o filme apresenta homens e mulheres, no centro da quadra poliesportiva assistindo a três cenas de esportes; uma jogada de futebol, um gol de esquerda, uma cesta de basquete e surfista pegando uma onda, sem identificar os atletas (Figura 3). Os participantes, apresentados com fãs de esporte devem responder quem é o(a) atleta dos lances das modalidades apresentadas, ou seja, de quem eram as imagens apresentadas no telão. Vale destacar que a iluminação do local, é escura, uma penumbra, e somente quando os participantes chegam ao centro da quadra, é ligado um holofote iluminando o fã.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>>. Acesso em 08 mar. 2016.



Figura3. Invisible Players
 Fonte: ESPN, 2016

Participaram da campanha aproximadamente 300 respondentes, e os resultados foram surpreendentes: nenhum dos entrevistados (homens e mulheres) respondeu nomes de atletas mulheres, conforme Figura 4. As respostas demonstram como o esporte ainda se mostra um espaço de dominação masculina. A falta de interesse do jornalismo esportivo, pelos esportes praticados por mulheres, assim como a ênfase na beleza estética e emoções ao invés de apresentar o desempenho e conquistas das atletas, contribuem para que estas não sejam lembradas, reconhecidas, mesmo por um público que se apresenta com fã de esportes.



Figura 4. Tabela de players
 Fonte: ESPN, 2016

As imagens apresentam três atletas mulheres: (1) Marta Vieira da Silva, futebolista Brasileira que possui cinco Bolas de Ouro pela FIFA, é artilheira em Copa do Mundo e nos Jogos Pan-Americanos e conquistou duas medalhas de prata em Olimpíadas; (2) Maya Moore, jogadora de basquete norte-americana, três vezes campeã da WNBA – Associação Nacional de Basquete Feminino- WNBA, medalha de ouro no Championship 2010 FIBA Mundo, nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012, e no Campeonato Mundial FIBA 2014, no qual foi nomeada a melhor jogadora do torneio; e (3) Maya Gabeira, surfista profissional brasileira, pentacampeã Big Waves em ondas gigantes na categoria melhor performance feminina.

Na sequência, o vídeo apresenta o depoimento de alguns entrevistados que demonstraram surpresa em relação às suas respostas:

- Entrevistado 1: “Nem imaginei que pudesse ser uma mulher”
- Entrevistada 2: “Eu acho que existe um bloqueio, ainda”
- Entrevistada 3: “De quando você pensa em atleta, normalmente pensa em homem primeiro”
- Entrevistada 4: “Foi isso que fiquei chateada comigo, não falei o nome de nenhuma mulher”.

O vídeo demonstra, portanto, a naturalização da invisibilidade da mulher atleta no imaginário coletivo. O quanto a mulher ainda não é reconhecida neste cenário, mesmo quando possui alto desempenho, várias conquistas e uma carreira de sucesso. O quanto o esporte ainda é compreendido como um espaço masculino, mesmo que homens e mulheres dividam este campo. É importante destacar que a mídia em geral; e em especial os programas esportivos contribuem com a invisibilidade das mulheres.

Além disso, vale ressaltar que as respostas foram obtidas tanto de homens como de mulheres, agravando ainda mais o quadro. Pois não apenas os homens deixam de reconhecer a mulher no espaço esportivo, mas as mulheres também não se reconhecem neste meio. E a mudança da categorização do esporte como masculino somente acontecerá a partir de manifestações de mulheres, a partir do momento em que estas se identificarem com este ambiente, compreendendo que esta identificação é coletiva e não individual.

Em mais um momento podemos voltar para as colocações de Pierre Bourdieu, de que as conquistas feministas não aconteceram em sua totalidade, pois os estereótipos femininos e masculinos ainda estão presentes no inconsciente coletivo. Dessa forma, os avanços acontecerem “respeitando” estes estereótipos, ou seja, a mulher alcançou espaço no esporte, mas ainda

é reconhecida mais em modalidades “artísticas”, como ginástica artística, e não em modalidades mais “pesadas” como futebol, basquete e surfe (exemplos do vídeo).

Esportes com maior impacto corporal ainda são vistos como masculinos, enquanto a mulher ainda é reconhecida apenas em modalidades que representam a beleza, sensualidade e a estética. Assim, mais do que afirmar que no imaginário coletivo a mulher ainda não é reconhecida em certas modalidades esportivas, podemos afirmar que no imaginário coletivo as características de força e virilidade ainda são masculinas e que as características de estética ainda são femininas, ou seja, após anos de discussões femininas, a lógica do modelo tradicional que aponta diferenças entre masculino e feminino ainda está presente em nossa sociedade e dita nossas percepções sobre a divisão de espaços.

Destaca-se que a prática esportiva é uma das oportunidades que se apresentam para as mulheres conquistarem respeitabilidade e reconhecimento social, contribuindo para a destruição de falsos estereótipos feminino, enraizados na sociedade (MARQUES, CAPEO, 2014). Assim o a problemática da falta de visibilidade das atletas levanta reflexões, pois se as mulheres hoje possuem mais interesse pelos esportes, praticam e são campeãs em diversas modalidades, porque a mídia, em especial a televisão e os jornais não retratam essas mudanças? Porque o jornalismo esportivo ainda insiste em destacar a aparência física das atletas em detrimento de suas conquistas? Porque atletas campeãs não são reconhecidas?

Ao final do vídeo a ESPN veicula a seguinte mensagem: “*Você pode até saber sobre esportes. Mas se não acertou as respostas, precisa aprender mais sobre o poder da mulher*” *ESPNW.com.br, O portal da mulher que faz tudo pelo esporte*. Apontando justamente a necessidade de rever a cultura da invisibilidade da atleta, e destacar o empoderamento feminino, compreendendo que a mulher possui sim capacidade e interesse nos esportes em geral, inclusive nos considerados ainda masculinos, como é o caso do basquete, do futebol e do surfe.

Considerações finais

O vídeo *Invisible Players* da ESPN apresenta não a dificuldade de a mulher ingressar em uma esfera masculina, no caso o esporte (e mais especificamente o futebol, o basquete e o surfe), mas a falta de reconhecimento da mulher que atua nestas esferas. Mesmo obtendo destaque e alta performance, atletas mulheres não foram citadas pelos entrevistados.

De alguma forma, as vitórias femininas encontram-se invisíveis e esquecidas em nossa sociedade. Assim, como apontado por Bourdieu (2002), apesar de diversas conquistas femininas no plano físico, não houve ainda uma ruptura no campo da representação social, que mantém a estrutura das distâncias e silencia estas conquistas. Os espaços naturalizados como masculinos, ainda estão tão presentes na sociedade, que as próprias mulheres não se reconhecem nesses locais.

Uma forma de contribuição para o rompimento dessa invisibilidade seria através da mídia e do jornalismo esportivo. As vitórias femininas precisam ser louvadas e destacadas. O ato heroico que leva a vitória, treinamento, dedicação, o desempenho, potência e vigor feminino também precisam pautar a mídia, e não apenas suas emoções, seu corpo e sexualidade, como tem acontecido ao longo dos anos e apontado por Elaine Romero (1990).

É necessário evitarmos discriminação e reducionismo e não justificá-los a partir de barreiras fisiológicas e culturais, que apontam a mulher como frágil e inapta ao esporte ou aos cargos de liderança e poder. Além disso, também é preciso modificar percepções do corpo, habilidades e espaços das mulheres no esporte, reforçando que os fatores culturais são os responsáveis pela escassa participação e visibilidade feminina, e não os fatores biológicos.

O vídeo *Invisible Players* aponta justamente para este cenário e de que a mulher possui capacidade e potencial para se destacar, mas suas ações ainda não são valorizadas, e por isso são esquecidas, enquanto ações masculinas semelhantes são destacadas e reforçadas no imaginário coletivo.

Referências

BIRREL, S.; COLE, C. L. Doublé faut: Renne Richards and the construction and naturalization of difference. **Sociology of sport journal**, vol. 7, n° 01, p. 1-21, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. **Quem é quem nos programas esportivos de televisão: uma análise das questões de gênero no Cartãozinho Verde, da TV Cultura**. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT6-CE.htm. Acesso em: 10 jun. 2016.

DAMATTA, Roberto. **O significado do esporte na sociedade moderna e do futebol no Brasil**. In: Seminário de Comunicação do Banco do Brasil em Espaços na mídia: história, cultura e esporte. Bra-

sília, 2001. Disponível em: < <http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/SeminarioVII.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

ESPN. **ESPN W Brasil**: invisible players. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acesso em: 10 abr 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: KNIJNIK, J. D.; SIMÕES, A. C (Orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p.359-373.

_____. Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.19, n. 2, p.143-151, abr./jun. 2005.

_____. Silvana Vilodre. **Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios**. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Ano II, número 4, Brasília 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ceme/arquivos/prodPublicacoes/1367187862-observatorio,%20Mulheres%20e%20esporte.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2016.

MARQUES, José Carlos; CAFEO, Marta Regina Garcia. **Mulheres Fazem isso? Análise das Estratégias de Gestão do Rugby feminino no Brasil**. Revista Pódium. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/91-484-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, ano 7, n° 13, p. 5-18, 2000.

PORTA DA PROPAGANDA. **África lança invisible players para divulgar ESPN W**. Disponível em: <http://portaldapropaganda.com.br/noticias/4462/africa-lanca-invisible-players-para-divugar-espnw/>. Acesso em: 05 maio 2016.

REPUCOM. **Women and sport**. Disponível em: http://www.iboperepucom.com/media/2015/03/REP_Women_and_Sport-Report_final.pdf. Acesso em: 10 nov 2015.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física**. 1990. 407f. Tese (Doutorado em Ciências). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

_____. Elaine. **A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo**. In: *III Fórum de debates sobre mulher & Esporte. Mitos & Verdades*. Fórum Internacional - 16 a 18 de Setembro de 2004. Disponível em: http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf>. Acesso em 10 abr. 2016.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTE, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.